

Até quando?

O envelhecimento é um fenômeno polissêmico, com implicações no âmbito individual, familiar e coletivo. Em 2020, a Organização Mundial de Saúde propôs a definição da Década do Envelhecimento Saudável (2021-2030)¹, buscando oferecer oportunidades para melhorar o envelhecimento individual e a vida em comunidade, com o protagonismo das pessoas idosas e a oferta de cuidados centrados na pessoa, coordenados e integrados com outras políticas.

No caso brasileiro, nas últimas décadas, o país experimenta uma rápida e intensa transição demográfica, epidemiológica e nutricional, com reflexos em diferentes políticas públicas – saúde, educação, assistência e previdência social, mobilidade urbana, entre outras. Além disso, observa-se um crescimento mais acentuado da população de 80 anos ou mais, com um aumento na proporção de pessoas que necessitarão de ajuda para o desempenho das atividades básicas de vida diária².

Contudo, não se observa a implantação de políticas públicas específicas que aliem a promoção do envelhecimento saudável, a criação de comunidades *age-friendly* e a oferta de cuidados de longa duração (CLD), como preconiza a OMS. Nossas políticas e serviços mostram-se em descompasso quanto às habilidades e competências necessárias para uma sociedade inclusiva para pessoas de todas as idades. E, a despeito das graves questões relacionadas às desigualdades sociais, étnico-raciais e de gênero brasileiras, tal descompasso certamente revela o etarismo ou idadismo estrutural em nossa sociedade.

Até o presente, a atenção à saúde da população idosa aparece atrelada ao controle de Doenças e Agravos Não Transmissíveis (DANT). A questão é que os profissionais da atenção primária não estão capacitados para abordar a pessoa idosa em sua especificidade e os serviços usualmente identificam a pessoa idosa quando ela apresenta complicações, ou demanda idas às urgências, internações hospitalares ou CLD pouco integrados na própria rede de saúde e junto a outras políticas sociais. Assim, este número temático da revista Ciência & Saúde Coletiva debate várias dessas lacunas e nos impele a repensar a oferta de serviços para a nossa realidade.

Para entregar um cuidado adequado às necessidades da parcela idosa, é importante conhecer a nossa população. Nesse sentido, inquéritos como a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), o ELSA-Brasil e o ELSI-Brasil são cruciais. A PNS serviu como fonte de dados para alguns dos artigos deste número e possibilitou avaliar na população idosa as mudanças nos comportamentos de saúde; a associação entre o ambiente construído e percepção positiva de saúde; a associação entre tempo assistindo televisão e a presença de obesidade; e a prevalência de complicações devido à Diabetes Mellitus. O ELSA-Brasil forneceu dados para investigar a saúde muscular e óssea. Outro artigo utilizou informações dos serviços para analisar a tendência temporal de quedas na população idosa no Brasil e no estado de São Paulo entre 2000 e 2020 e estimar o impacto econômico para o SUS em 2025.

Outros dois artigos abordam temas tabus: um discute preconceitos enraizados na sociedade, inclusive em profissionais da saúde e da assistência social, que resultam na falta de oferta de CLD para pessoas não pertencentes ao modelo cis-heteronormativo e o outro, a Tomada de Decisão Apoiada para que todas as pessoas possam exercer o direito de tomar decisões inerentes às suas vidas, inclusive aquelas com demências.

Dessa forma, diferenças e desigualdades ao longo da vida impactam nas múltiplas velhices, mas é preciso construir solidariedade para reduzir iniquidades. Isso implica em não mais categorizar as pessoas idosas em “vencedores” – aquelas que envelhecem de modo ativo e saudável – e “perdedores” – aquelas que demandam cuidados, especialmente os CLD –, mas criar comunidades que reforcem a participação e o protagonismo da pessoa idosa por meio de acessibilidade, moradia digna, espaços públicos inclusivos, atividades culturais e de lazer, e que também assegurem CLD no domicílio, na comunidade e em moradias coletivas para quem deles precisar.

Karla Cristina Giacomini (<https://orcid.org/0000-0002-9510-6953>)¹

¹ *Secretaria Municipal de Saúde, Prefeitura de Belo Horizonte. Belo Horizonte MG Brasil.*

Referências

1. World Health Organization (WHO). *Decade of healthy ageing 2020-2030* [Internet]. 2020 [cited 2023 set 10]. Available from: <https://www.who.int/docs/default-source/decade-of-healthy-ageing/final-decade-proposal/decade-proposal-final-apr2020-en.pdf>.
2. Camarano AA, Welle A, Romero DE, Silveira FG, Félix J, Giacomini KC, Botega LA, Maia L, Servo LMS, Ribeiro MM, Veras RP, Palomo TR, Noronha JC, Graever L, Gadelha P. *Doenças crônicas e longevidade: desafios para o futuro*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2023.